

Discurso político: uma análise de marcas da subjetividade em *Tweets* do presidente Jair Bolsonaro

Anaildo Pereira da Silva (UFMA)*
<https://orcid.org/0000-0002-3104-8635>

Leonildes Colaço (UFMA)**
<https://orcid.org/0000-0002-4657-3635>

Paulo da Silva Lima (UFMA)***
<https://orcid.org/0000-0003-2083-9236>

Resumo:

Este artigo teve por objetivo analisar mensagens do presidente Jair Bolsonaro postadas no *Twitter*, apontando os diversos discursos e ideologias que perpassam esses discursos, além de mostrar como as mídias digitais possibilitaram novas formas de transmitir os discursos da classe política tomando as redes sociais, principalmente o *Twitter*, como um gênero discursivo com poder de alcance e disseminação instantânea do discurso. O trabalho foi embasado nas teorias de Freud (2012), Lacan (1992, 2009) para tratar da subjetividade enquanto psique; Benveniste (1989, 1998), no que diz respeito à subjetividade na linguagem; Chartier (2002), Paveau (2013), Santos (2011), Silveira (2015), Silva (2018) sobre o uso das mídias digitais; Mussalim (2001) e Bakhtin (2003) para tratar sobre discurso e gêneros discursivos. Como procedimento metodológico adotou-se a pesquisa bibliográfica atrelada à abordagem qualitativa de análise de conteúdo e do discurso. E o *corpus* deste trabalho é composto de dois textos montados a partir de *prints* de mensagens postadas no *Twitter*. Após as análises, concluiu-se que o *tweets* como gênero discursivo proporciona aos sujeitos uma forma eficiente de disseminar discursos, onde fica claro di-

-
- * Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: profanaildo@gmail.com
** Mestranda em Letras Português pela Universidade Federal do Maranhão. É professora efetiva do Instituto Federal de Educação do Maranhão. E-mail: leonildes.leao@ifma.edu.br
*** Doutor em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor adjunto III e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão. É professor do Mestrado Acadêmico em Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: paulodasilvalima@yahoo.com.br

versas marcas de subjetividade nos textos postados, sendo elas de cunho linguístico ou apresentadas por meio das ferramentas tecnodiscursivas disponíveis na rede social *Twitter*.

Palavras Chave: Discurso; Subjetividade; *Twitter*; *Tweet*.

Abstract:

Political discourse: an analysis of the marks of subjectivity in Tweets of President Jair Bolsonaro

This article aimed to analyze messages of President Jair Bolsonaro posted on Twitter, pointing out the various discourses and ideologies that permeate these discourses, in addition to showing how the Information and Communication Technologies (ICTs) allowed new ways to transmit the discourses of the political class taking the social networks, especially Twitter, as a discursive genre with power of reach and instant dissemination of discourse. The work was based on the theories of Freud (2012), Lacan (1992, 2009) to talk about of the subjectivity as a psyche; Benveniste (1989, 1998), about subjectivity in language; Chartier (2002) Paveau (2013), Santos (2011), Silveira (2015), Silva (2018) on the use of digital media; Mussalim (2001) and Bakhtin (2003) to talk about discourse and discursive genres. The methodological procedure adopted the bibliographic research related to the qualitative content analysis and discourse. And the corpus of this work is composed of two texts mounted from prints of messages posted on Twitter. After the analyses, it was concluded that Twitter as a discursive genre provides the subjects with an efficient way to disseminate their discourses, where it is clear several marks of subjectivity in the texts posted, being linguistic or presented through the technodiscursive tools available on Twitter.

Keywords: Discourse; Subjectivity; Twitt; Tweet.

Introdução

A política é um sistema de organização da sociedade que remonta à Grécia Antiga e possuiu grandes articuladores, um dos maiores nomes, se não o maior, na articulação política foi Aristóteles. Hoje, diferente da Grécia Antiga em que a política visava a felicidade do homem, é um campo que se interessa apenas em exercitar o poder dentro de um país. E claro, já existiam os discursos

políticos padronizados e que em sua maioria eram proferidos nos anfiteatros onde se reunia o povo.

No passado, o processo comunicativo era bastante precário em termos de agilidade na disseminação, pois ainda se utilizava meios comunicativos convencionais como a carta que demorava semanas ou meses para chegar ao destinatário. No

decorrer dos séculos tudo foi se tornando mais moderno o que condicionou agilidade neste processo. Esse processo evolutivo deu-se graças às novas tecnologias digitais que segundo Silva (2018, p. 18) é “[...] todo e qualquer conjunto de meios, métodos, técnicas e instrumentos que possibilita a produção de comunicação e informação”, representadas, nesse contexto, pelas redes sociais que se apresentam como suportes para a disseminação de mensagens em tempo recorde e/ou de forma instantânea.

Durante muito tempo os discursos políticos permeavam as sociedades, mas de uma forma muito singular e de pouco alcance. Assim os políticos precisavam sair de cidade em cidade para fazer seus grandes comícios para proferir seus discursos e por fim ganhar o voto do eleitorado. A partir do século XXI, com cada vez mais pessoas conectadas à internet, as situações discursivas tomaram novas proporções graças as redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, e os canais no *YouTube* com transmissão ao vivo pela internet, que propiciaram um novo jeito de fazer política e de interagir com o eleitorado, sem necessariamente ter que se locomover até eles para transmitir a sua mensagem.

Nesse ambiente digital, as ferramentas tecnodiscursivas, por exemplo, são capazes de gerar várias comunidades discursivas de ampla velocidade onde se expõe sentimentos, opiniões e posições de construção virtual considerando a circulação das *hashtags* por meio do *retweet*, onde esse ecossistema constrói sua argumentação de referências internas e externas para compartilhar/externar sua reflexão singular. Para Paveau (2013), as *hashtags* são instrumentos tecnodiscursivos que mediatizam o discurso dos sujeitos ordinários

e produzem deslocamentos significativos para o campo político-midiático nas conjunturas atuais, sobretudo pela tensão que se estabelece com os campos da política e das mídias tradicionais.

Diante das novas possibilidades tecnológicas, surgem novos gêneros discursivos e/ou os existentes têm a necessidade de se adaptar para atender a nova realidade. Mediante essa constatação, indagou-se no presente trabalho: quais as marcas de subjetividade presentes no discurso de Jair Bolsonaro e seus interlocutores em mensagens postadas na rede social *Twitter*? Para chegar à resposta dessa indagação, tivemos como objetivo: identificar as marcas de subjetividade nos *tweets* e mais especificamente analisar as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos envolvidos no discurso nos *tweets* e ainda, observar o *Twitter* enquanto suporte digital do gênero discursivo propício à disseminação de discursos.

Em vista disso, elencou-se para sustentar este trabalho, os estudos de Freud (2012), Lacan (1992, 2009) para tratar da subjetividade enquanto psique; Benveniste (1989, 1998), para sustentar os argumentos no que diz respeito à subjetividade na linguagem, bem como recorreu-se a Chartier (2002), Paveau (2013), Santos (2011), Silveira (2015) e Silva (2018) para tratar do uso das mídias sociais digitais e ainda, Mussalim (2001) e Bakhtin (2003) para tratar de discurso e dos gêneros discursivos. Como procedimento metodológico adotou-se a pesquisa bibliográfica atrelada à abordagem qualitativa de análise de conteúdo e do discurso. E o *corpus* usado neste trabalho é composto de dois textos montados a partir de *prints* de mensagens postadas no *Twitter*.

Subjetividade: o que diz os estudiosos

O presente tópico busca explicar o que é a subjetividade na linguagem fazendo uso da teoria da enunciação de Émile Benveniste bem como as concepções advindas da psicanálise postuladas, entre outros, por Lacan e Freud, mas primeiro será feita a definição de subjetividade para melhor compreensão dos conceitos aqui expostos.

A *priori*, cabe destacar a importância de Lacan e Freud para fazerem parte do embasamento teórico deste trabalho. A escolha desses autores deu-se em virtude das grandes colaborações dadas por eles no campo da psicanálise e na explicação de termos linguísticos que parecem simples, mas que possuem um valor imensurável de significados para entendermos o que é subjetividade. E claro, como se trata de algo que vem do inconsciente do sujeito, os conhecimentos psicanalíticos dos autores supracitados se tornam indispensáveis.

A subjetividade pode ser entendida como uma manifestação de um estado nos campos psíquico e cognitivo de um indivíduo de modo individual ou coletivo fazendo com que este reconheça os objetos externos com suas próprias referências. A afirmação anterior é sustentada por Benveniste (1998, p. 287) ao frisar que a subjetividade se define “[...] como uma unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência”. Isso quer dizer que a subjetividade não é apenas um sentimento que o indivíduo experimenta, mas também o aprendizado que ficou delas.

A presença da subjetividade é encontrada em praticamente tudo que envolve o indivíduo, mas a sua presença maciça en-

contra-se na linguagem que utiliza para se expressar em relação as coisas mais básicas do dia a dia como também na construção de discursos cuidadosamente preparados. Assim, é na linguagem que a subjetividade se faz de maneira muito mais presente, afinal a linguagem se constitui como principal meio de comunicação humana, pois “os homens não encontraram um meio melhor nem tão eficaz para comunicar-se” (BENVENISTE, 1998, p.285).

Na concepção freudiana de subjetividade é possível concluir que esta se deriva do sujeito e do que ele processa. A subjetividade segundo Freud está na psiquê e que “Tal corrente no aparelho [psíquico], que parte do desprazer e visa o prazer, é o que chamamos de desejo. Afirmamos que nada exceto um desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento” (FREUD, 1900/2012, p. 626). Então o que advém das experiências vividas pelo sujeito é essa subjetividade. Heidegger (1996, p. 88) sustenta o que foi exposto anteriormente afirmando que “aquilo no que se sustenta o consciente, é o ser do sendo”, ou seja, para ele a singularidade da subjetividade se apresenta no tempo verbal gerúndio que caracteriza a experiência do sujeito.

A subjetividade em Lacan é um processo mais complexo para se compreender, pois ela perpassa entre a realidade e a imaginação. Lacan acredita que a subjetividade se encontra no Real, Imaginário e Simbólico e que “[...] sem esses três sistemas de referência não é possível compreender a técnica e a experiência freudiana” (LACAN, 1953-54/2009, p. 101). Na perspectiva lacaniana a referência do Real não representa uma realidade da psiquê e não oferece um significante que sirva como porto seguro constituindo assim o subjetivo. O Imaginário é correlato às imagens criadas a partir de uma

lógica-subjetiva denominada pelo autor de “estádio do espelho”. Para ilustrar essa teoria, o psicanalista faz uso de um exemplo muito singular, um momento particular na vida psíquica de uma criança, o momento no qual ela está vivendo uma experiência de identificação e criação da imagem do próprio corpo sendo que isso será essencial para a pré-formação do “Eu”. Assim, Lacan (1992) postula que

O estádio do Espelho é um drama cujo alcance interno se precipita da insuficiência para a antecipação e que, para o sujeito, tomado no equívoco da identificação espacial, urde os fantasmas que se sucedem de uma imagem esfacelada do corpo para uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade” (LACAN, 1992, p. 97).

Esse processo de sucessão entre, o que ele chama de “imagem esfacelada” e forma “ortopédica” resume-se em momentos bem distintos na vida da criança. No primeiro momento a criança se dar conta da imagem do próprio corpo e percebe-se confusa pela presença de si e do outro. Ela somente vai se orientar quando estiver em contato com outras crianças, enquanto isso ela não vai entender quando chorar ao ver uma outra criança caindo ou dizer que apanhou quando na verdade bateu.

No segundo momento a criança se identificará, ou seja, ela começará a perceber que o Outro que ela ver no espelho não é outra criança e sim o próprio reflexo. No terceiro momento ocorre o último estágio do estádio do espelho, pois nele a criança tem certeza de que a imagem refletida no espelho é dela mesmo e nesse momento há a recuperação do “corpo esfacelado”, abordado por Lacan, transformando-o numa unidade. Portanto é nesse estágio que a criança conquista a sua identidade como sujeito a qual ocorre no plano imaginário.

A última referência, o Simbólico, busca fazer representações tendo a linguagem como base, indo ao encontro do pensamento de Benveniste (1998, p. 287) de que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. Assim faz surgir explicitamente as marcas de subjetividade advindas do locutor se propondo como sujeito (*idem, ibidem*).

Sobre a tríade referencial freudiana abordada, Durval Checchinato (1979, p. 12) faz um apanhado dizendo que ser “homem é estar entre o real (impossível) e o simbólico [possível]. O imaginário é o eixo da gangorra”. No mais, aos olhos da psicanálise a subjetividade e o sujeito se constituem no resultado das experiências vividas e por meio da linguagem.

O tweet como gênero discursivo

A linguagem é, sem dúvida, o método mais eficiente de comunicação já inventado pelo homem, mas para isso, é necessário o uso de gêneros discursivos para alcançar os propósitos comunicativos com eficiência. É, nesse contexto de emprego da linguagem que o presente tópico se direciona com o objetivo de fazer um apanhado sobre o uso da linguagem por meio das redes sociais, em especial o *Twitter*, enquanto suporte na produção de discurso, tendo, pois, o *tweet*, como gênero discursivo digital.

A escolha do gênero discursivo se dá conforme as necessidades discursivas que envolvem os interlocutores e que de fato possa atender as necessidades do ato discursivo. Um exemplo de gênero discursivo usado por séculos é a carta, que era enviada por meio de aves, mensageiros, etc. e mais recentemente, pelos correios. Contudo, mediante a globalização e a emergência de novas possi-

bilidades comunicativas influenciadas pelas mídias digitais, surge novas possibilidades de aplicação da linguagem por meio das redes sociais para atender as necessidades comunicativas/discursivas que já não são mais atendidas pelos gêneros discursivos e suportes do passado e, se tornam essenciais “nesse momento contemporâneo em que as pessoas são impelidas a fazer cada vez mais, muitas coisas ao mesmo tempo” (SANTOS, 2011, s/p).

Como mencionado anteriormente, para alcançar o objetivo de um ato comunicativo e/ou discursivo é necessário que o locutor faça uso de um gênero discursivo e um suporte adequado, pois “nem todos os gêneros são igualmente propícios” (BAKHTIN, 2003, p. 265) para transmitir um discurso, por isso “A escolha de um gênero textual é feita mediante a esfera de troca social, as necessidades temáticas, os participantes do processo comunicativo, além da intenção do locutor que adapta sua vontade ao gênero escolhido” (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Dessa forma, o que o autor postula faz ainda mais sentido quando consideramos o novo milênio, no qual os gêneros discursivos ganham nova roupagem e tomam como suporte as mídias sociais, como o *Twitter*, uma suporte digital capaz de disseminar discursos instantaneamente pela internet para o mundo todo alcançando um vasto público em tempo real. Para Silveira (2015, p. 47) o *Twitter* é “uma possibilidade bastante singular para o discurso político-midiático, uma vez que o ambiente oferece aos sujeitos um espaço comum de fala e, portanto, a produção do efeito de que temos uma troca direta entre representantes e representados”. Nesse sentido, o *tweet* pode ser considerado como um gênero discursivo, pois de certa forma se apresenta como um tipo relativamente estável de enunciado (BAKHTIN,

2003), possibilitando, por meio das ferramentas tecnodiscursivas (*retweet*, responder e a *hashtag*) do seu suporte, o *Twitter*, uma interação mais efetiva, como postulou Silveira (2015) anteriormente, entre enunciador e enunciatário alcançando um número de interlocutores maior e em menor espaço de tempo.

Além disso, através das *hashtags* criam-se *hiperlinks* que levam a outros discursos que são essenciais para sustentar o que está sendo dito. No mais, o meio eletrônico nos permite realizar uma série de ajustes nos textos que segundo Chartier (2002, p. 25), isso pode ser realizado justamente porque:

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. (CHARTIER, 2002, p. 25)

Ou seja, por meio da interação, os interlocutores podem preencher lacunas deixadas/não preenchidas nos discursos políticos, pois neste meio há essa possibilidade. Essa abertura deixada pela rede social *Twitter*, enquanto suporte, é esclarecida pelo que diz Bakhtin (2003, p. 265) ao afirmar que “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo”.

Dito isso, o *Twitter*, mesmo com suas limitações textuais, torna-se um suporte de um gênero discursivo (o *tweet*), pois permite através das suas diversas aplicações o acesso a outros discursos e possibilita também que os interlocutores compreendam os discursos graças aos contextos de produção e ao acesso a informações complementares dadas pelos *links* que podem ser inseridos na postagem.

Assim sendo, serão analisadas neste trabalho postagens (*tweets*) na rede social *Twitter* (suporte do gênero discursivo) de algumas personalidades políticas para verificar como elas colocam em funcionamento a linguagem por meio desse gênero e como elas deixam suas marcas de subjetividade enquanto sujeitos de atos enunciativos de discursos.

Metodologia

O presente trabalho científico foi executado aplicando-se o método de pesquisa bibliográfica, que têm a finalidade de embasá-lo para que de fato haja consistência no tema tratado pelo autor. A pesquisa analisou os dados pela abordagem qualitativa com ênfase no método etnográfico que “visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades” (SEVERINO, 2007, p. 119), tendo em vista que o objeto de estudo são ações do cotidiano. E foi utilizado o método de análise de conteúdo e do discurso, uma vez que foi realizada a análise de mensagens publicadas no *Twitter*. O uso destes métodos nos permite realizar a

análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e seus componentes psicossociais (SEVERINO, 2007, p.119).

Atendendo justamente a proposta de identificar as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos discursivos envolvidos nos textos organizados para a análise.

O *corpus* utilizado nesse trabalho foi montado a partir de publicações realizadas

pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro; pela deputada federal de São Paulo, Joice Hasselmann; pela deputada estadual de São Paulo Janaína Paschoal e de seus respectivos seguidores em 2019 na rede social *Twitter* falando de acontecimentos do dia a dia do Governo. O *corpus*, constituído de oito *screenshoots* (capturas de tela) foi dividido em dois textos de 04 e 05 *prints* cada um, respectivamente. Por se tratar de publicações de cunho político e estarem disponíveis na rede social *Twitter*, optou-se em usar os *prints* em vez da descrição do conteúdo. Assim, após coletar e tratar o *corpus*, realizou-se as análises necessárias para alcançar os objetivos traçados.

Análise

Será analisado aqui, como citado anteriormente, publicações no *Twitter* de políticos brasileiros com intuito de identificar as marcas de subjetividade deixadas por eles nas suas mensagens. Também será observado de que forma esse suporte e suas ferramentas tecnodiscursivas ajudam os interlocutores a compreender os discursos empregados. Além disso, a análise do emprego da linguagem neste meio será crucial para a compreensão dos sentidos criados nos textos/mensagens desses agentes públicos. Assim, a subjetividade empregada na linguagem comunicativa é o que será analisado nos textos a seguir.

O texto 1 é composto de 04 *prints* (*screenshoots*) de uma postagem do Presidente Jair Bolsonaro que obteve um número expressivo de curtidas, *retweets* e comentários em apenas 09 minutos após a postagem. Nele serão apontadas as principais marcas de subjetividades bem como as inferências a outros discursos que compõem o contexto de sua produção.

Texto 1



The image shows a screenshot of a Twitter thread. At the top, a tweet from Jair M. Bolsonaro (@ja...) is displayed. The text of the tweet is: "De acordo com minha agenda, que é pública, um veículo de imprensa qualquer faz sua análise e divulga suas mentiras." Below this, a handwritten note in black ink reads: "Outros órgãos replicam a 'notícia' com o intuito de passar a mensagem de que no Governo impera a desordem." The tweet has 127 replies, 337 retweets, and 2,092 likes. Below the tweet is a reply from the same user, @jaibolsonaro, with the text: "Não existe qualquer reforma ministerial a caminho, até porque o Governo está indo muito bem, apesar dessa banda podre da imprensa." Below the reply is a prompt: "Tweete sua resposta".

Fonte: Twitter, 22 de novembro de 2019.

No texto 01, composto de mensagens postadas no *Twitter* no dia 22 de novembro de 2019, Bolsonaro fala sobre uma publicação realizada pelo site de notícia Vortex, no dia anterior, 21 de novembro, na qual notícia que o presidente realizaria uma reforma

ministerial na qual os ministros Onyx Lorenzoni da Casa Civil, Abraham Weintraub da Educação e Marcelo Álvaro do turismo deixariam as respectivas pastas. Assim, no decorrer de seu texto para “desmentir” a “notícia” “tendenciosa” o Presidente vai deixando suas marcas de subjetividade ao utilizar diversos recursos entre eles as aspas e pronominalização, os quais serão explicitados na análise.

Logo no início percebe-se a subjetividade presente nos enunciados com a demarcação do indivíduo que lança o discurso. No enunciado “De acordo com minha agenda, que é pública, um veículo de imprensa qualquer faz sua análise e divulga suas mentiras” é possível observar a marca do “eu” deixada pelo enunciatador ao inserir o pronome possessivo “minha” e isso ocorre porque ele tem a consciência de que o “eu” só é empregado quando se tem um “tu” a quem se deve dirigir, ali constituído por “um veículo de imprensa qualquer”. Este “veículo de imprensa qualquer” ao qual faz referência é o site Vortex que produziu a notícia com base em informações prestadas por “duas pessoas ligadas ao governo”, as quais não revela.

Nessa conjuntura, o Presidente define a notícia do site como uma *Fake News* e demonstra insatisfação com o ocorrido por meio das marcas de subjetividade expressas no *tweet*. Ainda nesse mesmo enunciado, o pronome indefinido “qualquer” pode ser visto como uma marca de subjetividade do enunciatador, pois o termo no contexto utilizado cria um sentido, não apenas de que o veículo de imprensa não seja conhecido, mas que ele não tem credibilidade para tratar do assunto, dando assim um aspecto pejorativo ao pronome que nessa aplicação aparece como um qualificador.

No enunciado seguinte “outros órgãos replicam a ‘notícia’ com o intuito de pas-

sar a mensagem de que no Governo impe-
ra a desordem”. O enunciador já se refere a
outro enunciatário que também pertence a
mesma linha de trabalho do enunciatário
anterior, marcado pelo conjunto de palavras
“outros órgãos”.

Ao falar da replicação da notícia o Presi-
dente utiliza aspas dando um tom de ironia,
uma suspeição sobre sua veracidade, crian-
do assim o sentido de que a “notícia” na ver-
dade é uma *Fake News*. Segundo Authier –
Revuz (2004, p. 219) as “aspas são a marca
de uma operação metalinguística *local* de
distanciamento: [...] suspensão de responsa-
bilidade”. Para a autora o aspeamento tam-
bém é um sinal de que o enunciador está
pondo sua fala em vigilância mantendo um
controle enquanto mantém uma fala. Nesse
caso, Bolsonaro tenta manter isenção em re-
lação ao que posta haja vista que considera
o fato noticiado pelo veículo de imprensa
uma notícia falsa.

Posteriormente, na segunda parte da
postagem, o enunciador afirma que “Não
existe qualquer reforma ministerial, até
porque o Governo está indo muito bem,
apesar dessa banda podre da imprensa”.
Nesse caso o enunciador fala de si mesmo
quando remete ao substantivo “Governo”
e, logo em seguida, fala de um “tu” quan-
do se refere a “banda podre da imprensa”
ao final do enunciado. Além de fazer uso
do substantivo “Governo” para referir a si
mesmo, o Presidente faz uso da expressão
“banda podre da imprensa” como marca de
subjetividade para fazer um interdiscur-
so com as diversas situações adversas que
tem com o grupo jornalístico Globo. Grupo
esse, que o Presidente denomina de ideoló-
gico, tendencioso e “podre” por sempre dar
as notícias de forma distorcida e malicio-
sa. Assim, o sentido criado pela expressão
é de que o Presidente não gosta do referi-

do grupo jornalístico e nem daqueles que o
acompanham ou mesmo criam notícias que
visam desmoralizá-lo.

No que diz respeito à expressão desta-
cada, é válido frisar que “Toda enunciaçã
é, explícita ou implicitamente, uma alocu-
ção, ela postula um alocutário” (BENVE-
NISTE, 1989, p. 84), ou seja, ao ler a ex-
pressão “banda podre da imprensa” o in-
terlocutor/leitor por meio das memórias
discursivas e do contexto ao qual está in-
cluso o texto e a situação de comunicação,
conclui que Bolsonaro está se referindo ao
grupo jornalístico Globo e isso se dá, pois,
Bolsonaro e Globo vivem num “pé de guer-
ra” no que diz respeito a crenças e “ideo-
logias”. Para Mussalim (2001) são esses
pontos de especificidades que garante ao
analista do discurso estabelecer relações
entre um discurso e as condições de pro-
dução de modo que assegure seus efeitos
de sentido.

Os enunciados anteriormente analisados
comprovam como no ato de uso individual
da língua o locutor se instala no discurso,
sendo isso, segundo Lima (2015, p. 127)
“uma das condições necessárias para a reali-
zação da enunciação”. Como se trata de uma
rede social, é esperado que haja a interação
na postagem do enunciador. Nesse processo
discursivo observa-se como o “eu” que lan-
ça um discurso alcança um “tu” que, por sua
vez, poderá ser a favor ou contra ao que foi
postado. E isso está relacionado ao que Ben-
veniste (1989, p. 286) vem chamar de “meu
eco”, onde o “**eu** propõe outra pessoa, [...] ao
qual digo *tu* e que me diz *tu*”.

Esse eco ao qual se refere Benveniste
(1989), é o processo que acontece por meio
das respostas dadas às mensagens do enun-
ciador. Ao afirmar que “o Governo está indo
muito bem” o enunciador causa uma reação
de ironia no seu enunciatário, pois este lhe

responde da seguinte maneira “Governo tá (sic) indo bem? Nem sabia que hoje é primeiro de abril”. Logo em seguida, um outro enunciário tuita: “Bem está a caravana do Molusco!”.

Assim, o processo de continuidade da enunciação mencionado acima representa a interação obtida pela postagem do Presidente, onde, o “tu” (Raio de sol) gerado pelo enunciador (Bolsonaro) “eu” tornou-se “eu” e “tu” em relação ao segundo enunciário (M.38 Bolsonaro) que também se tornou “tu” e “eu”. Segundo Benveniste (1989), isso ocorre depois da enunciação onde a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. Tal processo aconteceu no exemplo analisado, ao enunciar, os enunciadores obtiveram uma resposta de volta por parte de seus enunciários.

O texto 2, a seguir, trata da fala do Presidente da República, Jair Bolsonaro, após o Supremo Tribunal Federal decidir por 6 votos a 5 que um condenado só pode ser preso quando todos os recursos tiverem se esgotado, isto é, somente após o trânsito em julgado. Tal decisão acarretou a soltura de mais de 5 mil presos entre eles o Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No texto, o Presidente afirma que as pessoas de bem são a maioria e, em meios termos, critica a suprema corte pela decisão. Passemos agora ao texto.

O texto 2, composto pela postagem do Presidente Jair Bolsonaro e comentários de outras quatro pessoas: a deputada estadual Janaína Paschoal e a deputada federal Joice Hasselmann, ambas de São Paulo e de duas seguidoras, o que torna viável uma análise da subjetividade na linguagem empregada por estes enunciários.

Texto 2



Jair M. Bolsonaro @j... · 09 nov
Amantes da liberdade e do bem, somos a maioria. Não podemos cometer erros. Sem um norte e um comando, mesmo a melhor tropa, se torna num bando que atira para todos os lados, inclusive nos amigos. Não dê munição ao canalha, que momentaneamente está livre, mas carregado de culpa.



Janaína Paschoal @J... · 09 nov
Em resposta a @jairbolsonaro
Presidente, leia novamente a postagem e reflita sobre o trecho "sem UM norte e UM comando, mesmo a melhor tropa, se torna um bando que atira para todos os lados, inclusive NOS AMIGOS".



Dodó [redacted] · 09 nov
Em resposta a @JanaínaDoBrasil e @jairbolsonaro
Ain Janaína... eu entendi q eles não estão parados .

O governo está observando sim!

E q o tiro será CERTEIRO 😎



Joice Hasselmann @j... · 09 nov
Em resposta a @jairbolsonaro
Tem razão PR. Ñ podemos cometer erros. Então Ñ os cometa. REFLITA. O sr. tem q ser o exemplo. Se Ñ há norte, nem comando, nos dê tal norte com democracia, respeito e lealdade. Cabe tbm ao sr. segurar o bando q atira nos amigos. Aliados Ñ podem ser feridos de morte pelo comando



OS [redacted] · 09 nov
Em resposta a @joicehasselmann e @jairbolsonaro
Pare de atirar nos amigos então Joice. Roupa suja se lava em casa e que você fez foi traiçagem!

Fonte: Twitter, 09 de novembro de 2019.

As marcas de subjetividade do texto 2 são muito mais visíveis que no texto 01, pois o texto 02 se inicia com a fala do presidente que se dirige a um público não especificado, mas que, em análise, pode-se inferir que são as pessoas que se identificam com a política de direita. Enquanto, os enunciatórios destacados são claros quanto a quem estão se referindo, ou seja, por meio das ferramentas tecnodiscursivas como a opção de repostas destacam a quem se refere cada um dos interlocutores nesse processo, somado a isso, os próprios enunciados que mencionam os referentes. Assim, tomaremos como base o *tweet* do presidente para o entendimento do processo de enunciação presente no texto e da subjetividade empregada por ele.

Inicialmente ele escreve “Amantes da liberdade e do bem, somos a maioria”. A pergunta que suscita é: quem são esses **amantes da liberdade e do bem** segundo o presidente? Ao utilizar a expressão em destaque é possível inferir que o enunciador, o “EU” se refere aos seus seguidores considerados de direita que será tido como o “TU”, ou seja, aquele com quem se fala. Ainda neste processo, é possível observar que o enunciador se refere aos seus companheiros partidários que compartilham do mesmo sentimento patriótico quando complementa dizendo: “não podemos cometer erros”. Nesse exemplo, temos a presença de subjetividade marcada pela concordância verbal, haja vista que o pronome pessoal “nós”, que indica a pessoa do discurso, se encontra oculto demarcando personalidade no discurso do Presidente.

O enunciado seguinte, mencionado no texto do Presidente diz que: “Sem um norte, sem um comando, mesmo a melhor tropa, se torna num bando que atira para todos os lados, inclusive nos amigos”, evidenciando assim a subjetividade na linguagem do enun-

ciatário, bem como a sua formação ideológica. Observa-se por meio deste enunciado a presença de uma crítica a Suprema Corte de Justiça do Brasil por divergir numa decisão que culminou na soltura de muitos condenados e que, na visão do Presidente, isso ocorreu para beneficiar um único indivíduo, o ex-presidente Lula.

Esse posicionamento do Presidente pode ser visto como normal, pois segundo Henry ([1977]2013, p. 188) “o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. Assim, no enunciado em questão constata-se a formação ideológica militar do enunciador quando este faz uso de termos tipicamente militares como “comando” e “tropa” para se referir aos seus subordinados e seguidores.

Observando o contexto no qual foi enunciado também é possível observar na linguagem um embate de ideais políticos-ideológicos presentes na mensagem do enunciador tendo em vista que o enunciador demonstra uma espécie de aversão ao se dirigir ao seu enunciatário dizendo: “não dê munição ao canalha, que momentaneamente está livre, mas carregado de culpa”. Infere-se neste enunciado que o enunciador deixa diversas marcas de subjetividade quando: (i) se dirige a um enunciatário, “TU”, fazendo uso do verbo “dar” em terceira pessoa do singular “dê”; (ii) menciona o termo “canalha”; e (iii) faz referência de tempo ao citar “momentaneamente está livre”.

O último enunciado “Não dê munição ao canalha, que momentaneamente está livre, mas carregado de culpa”, o Presidente traz um interdiscurso com outros acontecimentos ligados ao Ex-presidente Lula como: desvio de verbas públicas, escândalos de

corrupção, etc. Já o uso do termo “momentaneamente”, pode ser visto como uma marca de subjetividade tendo em vista que, por meio do sentido gerado pelo uso dessa palavra o Presidente acredita que a justiça tomará a decisão “correta” no fim do processo, ou seja, tal liberdade “arbitrária” não perdurará por muito tempo.

No que diz respeito a capacidade de interação, ao publicar numa rede social, o publicador abre um leque de possibilidades de respostas. Assim, nessa margem vamos analisar as respostas dadas por interlocutores do mesmo grupo¹ político e de outros interlocutores que surgiram para interagir com os dois primeiros.

A deputada Janaina Paschoal dá início ao processo de interlocução citando explicitamente o seu interlocutor dizendo: “Presidente, leia novamente a postagem e reflita sobre o trecho [...]”. Observa-se que a deputada ao reescrever a fala do presidente põe em destaque o termo “um” no enunciado “sem UM norte, sem UM comando”. Através desses termos a parlamentar permite aos leitores interpretarem, levando em consideração o momento em que ocorre a enunciação, que o governo não está sabendo conduzir os trabalhos e muito menos os seus subordinados.

Já a deputada federal Joice Hasselmann faz uso de uma sequência de termos e frases curtas como: “PR”, “Então ñ os cometa” e “sr. tem que ser o exemplo” que remetem ao seu enunciatário. Aqui temos o processo de polaridade das pessoas observado na teoria da subjetividade da linguagem de Benveniste (1998, p. 287) em que o “**eu** propõe outra

1 No contexto atual de 2021, não podemos mais considerar que as deputadas sejam do mesmo grupo político, haja vista que o Presidente deixou o partido, por outro lado, há sim aproximações das parlamentares no que diz respeito ao posicionamento conservador de direita.

pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo **tu** e que me diz tu”, isso fica evidente no processo de interlocução dos três agentes do discurso.

Nas frases da deputada Joice Hasselmann um termo chama muito a atenção, “PR”. Na ocasião a enunciadora utiliza o termo para se referir a Jair Bolsonaro e que a *priori* ocasiona dúvida, pois esta abreviação comumente se refere à palavra pastor, mas ao observar o contexto de produção, conclui-se que o termo remete a Presidente da República. No entanto, a abreviação não condiz, pois a palavra presidente é abreviada como Presid. Assim, buscamos entender a menção da deputada ao Presidente em dicionários e publicações na internet e chegamos ao consenso de que ela faz uso da abreviação “PR” para chamar o presidente de “*Public Relations*” que em português traduz-se como “Relações Públicas”. Para Althier-Revuz (2004, p. 160) “Nenhuma restrição parece poder ser observada: se quase não encontramos, no âmbito de uma língua, duplicações opacificantes que proponham uma ‘outra maneira de dizer’ para esses elementos”. Podemos também inferir que o termo em uso na língua inglesa se dar devido à estreita relação político-econômica que o Presidente vem buscando com os Estados Unidos.

Outro ponto que vale ressaltar é que há interação de outros interlocutores à estas respostas já dadas e para a própria postagem base. No topo da mensagem pode-se localizar a informação “Em resposta a @JanainaDoBrasil e @JairBolsonaro; em resposta a @JoiceHasselmann e @JairBolsonaro” que desencadeia um processo de ECO em outro nível.

A interlocutora auto identificada como Dodó, dá uma resposta a Janaina Paschoal

utilizando um tom irônico como se fosse o próprio Presidente falando: “Ain Janaina... eu entendi q (sic) eles não estão parados” dando a entender que a deputada está afirmando que o governo não sabe o que está fazendo. Isso pode ser confirmado na frase seguinte que diz “o governo está observando sim!” e ainda faz um interdiscurso com os recentes desentendimentos de membros do partido do Presidente quando afirma: “E o tiro será CERTEIRO ‘emoji de legal’”. A interlocução entre os três é realizada com a colocação do símbolo @ antes do nome de Janaina e Bolsonaro. Essa é uma das ferramentas tecnodiscursivas disponibilizadas pelo *Twitter* mencionada no aporte teórico nas palavras de Marie-Anne Paveau (2013).

Assim como o enunciador analisado anteriormente, a marca de subjetividade aparece na fala de “OS” que com o símbolo de @ faz menção a Jair Bolsonaro e Joice Hasselmann e principalmente a última, fazendo um interdiscurso com o desentendimento que a deputada teve com o Presidente e na oportunidade ele a destituiu da posição de líder do governo na câmara federal. “OS” faz uso dos termos do Presidente para responder a Joice dizendo: “Pare de atirar nos amigos então Joice. Roupa suja se lava em casa e o que você fez foi traiçagem”. Assim a seguidora conclui que Joice Hasselmann fez justamente o que ela está dizendo para o Bolsonaro não fazer. Levando em consideração o posicionamento de “OS” e do contexto de produção pode-se concluir aqui que há uma transgressão verbal no discurso da deputada.

Considerações finais

O presente artigo propôs identificar marcas de subjetividade presentes em *tweets* postados pelo Presidente da República Jair Bolsonaro e seus interlocutores, sendo, pois, o

Twitter, o suporte digital deste gênero discursivo. E ainda, refletir, por meio da base teórica os processos discursivos que envolvem o discurso e subjetividade.

No decorrer das análises foi possível observar que a subjetividade é marcada na linguagem dos interlocutores em todos os sentidos, até quando estes não se dão conta disso. Observou-se nesse processo analítico que as marcas de subjetividade presentes nos *tweets* representam posicionamentos políticos-ideológicos dos interlocutores envolvidos no discurso. Outrossim, entender como ocorre o processo da subjetividade em textos publicados nas redes sociais é essencial para a compreensão dos objetivos traçados pelos interlocutores no processo discursivo por meio de *tweets* e como os indivíduos se constituem como sujeitos de seus discursos.

Neste trabalho, por meio das análises e do aporte teórico aqui apresentado foi possível explicar o papel das tecnologias digitais no cenário político e como elas se tornaram um meio comum para disseminar o discurso, bem como os gêneros discursivos podem sofrer mudanças e ganhar novas roupagens para se adequar às necessidades discursivas dos sujeitos em momentos distintos.

Ao analisar os textos de Jair Bolsonaro e seus interlocutores, verificou-se a presença de marcas de subjetividade por todas as partes de seus textos, sejam elas políticas ou ideológicas. Por exemplo, constatou-se que o uso de pronomes marcou a criação de sentidos no discurso do Presidente referente à credibilidade abalada de órgãos de imprensa, isto é, o uso da marca de subjetividade fez com que o interlocutor pudesse inferir que a notícia vinculada por aquele órgão de imprensa é duvidosa e sem base. Contudo, esse processo conta também com o conhecimento do contexto de produção do discurso

que permite inferir o sentido exemplificado, bem como identificar os interdiscursos presentes.

Além da marca de subjetividade anteriormente citada, observou-se a presença de marcas de subjetividade caracterizada pelo uso de: conjunção verbal, aspas, expressões que remetem a outros discursos e as ferramentas tecnodiscursivas (@ usado para mencionar alguém numa resposta).

O uso destas marcas são capazes de gerar efeitos de sentidos diversos. O uso da conjunção verbal marca a pessoa do discurso posicionando-a num determinado lugar; a presença das aspas, neste contexto, criou um sentido de ironia em relação ao que se diz e até mesmo para não se responsabilizar pelo que se diz (neste caso, o efeito criado pelo uso das aspas pelo Presidente no *tweet*, na palavra notícia, foi de que, o que se chamou de notícia é na verdade uma *Fake News*); o uso do interdiscurso para remeter a situações já ocorridas contando com a memória discursiva do leitor marcando assim a ideologia dos autores das mensagens, em especial do Presidente Jair Bolsonaro; e o uso da ferramenta tecnodiscursiva o símbolo “@” que serve para marcar as pessoas com as quais se deseja interagir, isto é, responder um *tweet*.

Assim, verificou-se que o *Twitter* se configura no campo político como uma ferramenta de disseminar discursos com grande potencial, já que possui a capacidade de alcançar um número expressivo de interlocutores instantaneamente. Não obstante, o *tweet*, enquanto gênero discursivo, consegue transmitir o discurso de forma suscinta uma vez que o momento (século XXI) é caracterizado pela rapidez e volatilidade causados pelas tecnologias digitais.

Portanto, esse gênero discursivo se apresenta no campo político como uma nova for-

ma de comunicação em tempo real capaz de interação não permitidas pelos gêneros discursivos clássicos. Nesse contexto, é oportuno salientar ainda que, o *Twitter* se constitui como um suporte discursivo de relevância no cenário constituído pelo século XXI e pela era digital. Dessa forma, novos gêneros, como o *tweet*, vão surgindo para atender as necessidades discursivas emergentes. Com vista no exposto acredita-se que o presente trabalho traz contribuições relevantes para o estudo da subjetividade no discurso político nas mídias sociais.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BENVENISTE, É. Da subjetividade da linguagem. **Em Problemas de Linguística Geral I**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp; Pontes, 1998. p. 284-293.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães... et al. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CHECCHINATO, D. (1979). Introdução à edição brasileira. In A. Lamaire, Jacques. **Lacan: uma introdução** (pp. 1116). Rio de Janeiro: Campus.
- FREUD, S. (2012). **A Interpretação Dos Sonhos** (Vol. 2). Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1900).
- HENRY, P. **A ferramenta Imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Tradução de Maria Fausta P. de Castro, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- LACAN, J. (2009). **O Seminário, Livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário proferido em 1953-54).
- LACAN, J. , *ibid.*, apud Dor, Joël. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LIMA, P. S. Marcas da enunciação em notícias destinadas ao público infantil. **Revista Todas as Letras**, São Paulo., v. 17, n. 1, p. 126 - 137, jan/abril. 2015.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

PAVEAU, M-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique », dans Liénard, F. (2013, coord.). In: **Culture, identity and digital writing, Epistémè 9, Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées, Séoul: Université Korea**. 2013, p. 1-19.

SANTOS, R. de C. S. Twitter como exemplo do gênero Textual microblog. In **IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacio-**

nais. Universidade de Sorocaba. 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: cortez. 2007.

SILVA, A. P. **Tics no ensino de Língua Inglesa: mediações pedagógicas no ensino aprendizagem na turma de 3º ano do Ensino Médio do C.E. Antônio Macêdo de Almeida – Governador Newton Bello – MA. Monografia (Graduação) – Santa Inês, MA, 2018.**

SILVEIRA, J. da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

*Recebido em: 10/04/2021
Aprovado em: 08/06/2021*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.